



NEGÓCIOS COM SENTIDO DE ÊXITO REDEFINIDO: EMPRESAS DO MOVIMENTO B - UM NOVO DESAFIO AOS PROFISSIONAIS CONTÁBEIS¹

Lucas Rafael da Silva²

Sabrina de Farias Borba Kiszner³

RESUMO

Diante dos cenários que se descortinaram nas últimas décadas, trazendo alternativas sustentáveis e propondo novos modelos de negócio, destaca-se o Movimento B. Nesse contexto, a pesquisa objetivou realizar uma análise sobre a participação do contador no processo de Certificação B, em empresas certificadas pelo Sistema B, no Rio Grande do Sul. Como objetivos específicos, propôs relacionar a importância do Relato Integrado ao processo de Certificação B e delinear o perfil do contador "B", a partir das competências demandadas pelas Empresas B. Quanto à metodologia, de natureza aplicada, adotou-se a abordagem qualitativa, com aplicação de dois questionários *on-line*, um direcionado aos contadores e o outro, aos seus gestores, com análise de conteúdo a partir das convergências e divergências da perspectiva de ambos. Os resultados evidenciaram a necessidade da quebra de paradigmas na atuação do profissional contábil, à medida que novos modelos econômicos emergentes, como o Movimento B, desafiam-no a ir além das demonstrações contábeis: demandam que esteja inserido nas questões socioambientais, exercendo competências e habilidades voltadas à liderança, à inovação, à sustentabilidade, ao empreendedorismo e às relações interpessoais, capazes de contribuir com a geração de valor para a sua empresa, evidenciando a riqueza escondida nos ativos intangíveis.

Palavras-chave: Certificação *B Corp*. Responsabilidade Social. Contador.

ABSTRACT

In face of the scenarios that have unfolded in recent decades, bringing sustainable alternatives, and proposing new business models, Movement B stands out. In this context, the research aimed to carry out an analysis of the accountant's participation in the Certification B process, in certified companies by Sistema B, in Rio Grande do Sul. As specific objectives, it proposed to relate the importance of Integrated Reporting to the Certification process B and to outline the profile of the "B" accountant based on the skills required by Companies B. As for the methodology, of nature applied, a qualitative approach was adopted, with the application of two online questionnaires, one aimed at accountants and the other at their managers, with content analysis based on the convergences and divergences of both perspectives. The results showed

¹ Trabalho de Conclusão de Curso. Data da submissão e aprovação: no período de 20 a 22 dez. 2021.

² Acadêmico do curso de Ciências Contábeis das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS. *E-mail:* lucasrafael@sou.faccat.br.

³ Mestra em Desenvolvimento Regional. Professora Orientadora. Faculdades Integradas de Taquara - Faccat/RS. *E-mail:* sabrina@faccat.br.

the need to break paradigms in the performance of accounting professionals, as new emerging economic models, such as the B Movement, challenge them to go beyond accounting statements: they demand that they be inserted in social and environmental issues, exercising skills and abilities focused on leadership, innovation, sustainability, entrepreneurship and interpersonal relationships, capable of contributing to the generation of value for the company, highlighting the wealth hidden in intangible assets.

Keywords: Certification B Corp. Social responsibility. Accountant.

1 INTRODUÇÃO

Com o crescimento constante da globalização, os problemas ecológicos, econômicos e sociais aumentaram. Atualmente, como observado por Morin (2004), em “La Méthode 6: Léthique”, a humanidade encontra-se em um “Titanic planetário”. O crescimento econômico tem se ancorado no uso insustentável de recursos não renováveis, acabando com a diversidade biológica e aumentando cada vez mais a lacuna entre ricos e pobres (MORIN, 2004).

Assim, devido à perda do capital natural, as empresas terão fortes impactos nas condições em que operam (ALMEIDA, 2009). Para que sobrevivam no mundo dos negócios, deverão se reinventar e se reformular, inserindo no seu DNA questões socioambientais.

Frente a essa realidade, novos modelos econômicos estão surgindo, cujo principal desafio é equilibrar propósito e lucro. Seguindo essa filosofia, destaca-se o Movimento B⁴ que tem como objetivo redefinir o sucesso na economia para que sejam considerados não apenas o êxito financeiro, como também o bem-estar da sociedade e do planeta. Esse movimento vem ganhando força, uma vez que “[...] gerar valor para toda a sociedade e não apenas retorno para os acionistas, têm sido uma preocupação crescente entre as empresas” (CAETANO, 2020).

Empresas certificadas como *B Corporation* ou Empresas B utilizam seu poder de mercado para resolver problemas sociais e ambientais. Operam com padrões elevados de gestão e transparência, enquanto procuram o melhor desempenho financeiro. Também acreditam que a melhor maneira de gerar mudanças socioambientais é por meio do mercado. Compactuando com o capitalismo mais consciente, esse movimento tem por objetivo criar operações que alinhem objetivos econômicos, sociais e ambientais (SISTEMA B, 2021).

⁴ O Movimento B foi criado, em 2006, nos Estados Unidos, com o propósito de redefinir o sucesso na economia, para que sejam considerados não apenas o aspecto financeiro, como também a preocupação com o bem-estar da sociedade e do planeta. Tendo, então, como principal objetivo fazer o melhor para o mundo. (SISTEMA B, 2021).

Frente às demandas dessas empresas, destaca-se a atuação de uma peça-chave, fundamental para o sucesso do processo de transição e adequação a esse novo modelo de negócio: o profissional contábil.

Esse modelo contemporâneo demanda mudanças e adequações não apenas no Estatuto e nas políticas assumidas, mas, sobretudo, nos processos e práticas desenvolvidas pelas empresas, em todas as áreas. Assim, na área contábil, além das questões financeiras, tributárias, econômicas e patrimoniais, surge a necessidade de uma conduta diferente em relação ao seu verdadeiro valor para que possa abarcar bens intangíveis. Com o objetivo de consolidar todas essas mudanças, o Plenário do Conselho Federal de Contabilidade (CFC) aprovou, em 26/11/2020, o Comunicado Técnico Geral (CTG) 09 - Relato Integrado (CFC, 2020). Desta forma, o presente estudo busca responder o seguinte problema de pesquisa: Existem desafios à atuação dos contadores, frente a esses novos modelos de negócio que visam ao lucro e ao propósito?

Ressalta-se que o estudo teve como objetivo geral realizar uma análise sobre a participação do contador no processo de Certificação B, em empresas certificadas pelo Sistema B, no Rio Grande do Sul. E, como objetivos específicos, propôs relacionar a importância do Relato Integrado ao processo de Certificação B e delinear o perfil do contador "B", a partir das competências demandadas pelas Empresas B.

A pesquisa justifica-se por sua relevância e emergência, pois se trata de um tema muito atual e pertinente à área contábil, às empresas e à sociedade em geral. Outro indicativo de sua importância é o crescimento do Movimento B, em nível global e até mesmo no Vale do Paranhana - RS, demonstrando não ser apenas um novo e necessário modelo de economia, mas fundamental para a sobrevivência desta e das próximas gerações.

A metodologia adotada consiste em uma pesquisa qualitativa, com a aplicação de questionários *on-line*, utilizando a ferramenta *Google Docs*. Como universo e amostra, optou-se pelas empresas certificadas pelo Sistema B, situadas no estado do Rio Grande do Sul. O trabalho divide-se em cinco capítulos, sendo o primeiro, a introdução; na sequência, a fundamentação teórica; a metodologia; a análise dos dados e, por fim, as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Responsabilidade Social Empresarial (RSE)

O termo Responsabilidade Social Empresarial (RSE) surgiu após a Segunda Guerra Mundial, no início dos anos 1950, com as primeiras discussões sobre os temas “filantropia” e “obras de caridade” que, aos poucos, foram sendo incorporados ao cenário das empresas devido aos seus impactos junto à sociedade (CARROLL, 1999). Carroll (1999), compreende RSE como a ampliação do papel empresarial, além do seu escopo econômico e de suas obrigações legais, e complementa afirmando que é o momento em que algumas empresas deixam de olhar somente para os resultados econômicos e passam a refletir sobre fatores resultantes das suas atividades empresariais e os impactos gerados na sociedade.

Durante as décadas de 1960 e 1970, ainda predominava a visão, por parte de acadêmicos e investidores, de que o desenvolvimento limitava-se apenas à esfera do crescimento da produção industrial. Ou seja, desenvolvimento era sinônimo de crescimento urbano e industrial, norteado por metas macroeconômicas, muitas vezes, deixando de lado os aspectos ambientais e as necessidades sociais de cada localidade e de sua população (FISCHER, 2012).

Já nos anos 90 e avançando de forma crescente nas décadas subsequentes, as organizações passaram a ficar mais atentas às suas responsabilidades éticas, morais e sociais, não ficando limitadas às suas responsabilidades econômicas e legais somente (ASHLEY, 2005). Contudo, Machado Filho (2006) ressalta que ainda se confunde responsabilidade social com "ações sociais", reduzindo sua finalidade a atividades de filantropia; destaca, ainda, que ações sociais buscam atingir um objetivo social no meio em que a empresa está inserida.

Esse movimento impulsionou a criação de uma grande diversidade de indicadores relativos à sustentabilidade e à responsabilidade social, bem como vários modelos para divulgação e comunicação em forma de relatório para os *stakeholders*⁵. No âmbito Brasil evidenciam-se: *Global Reporting Initiative* (GRI) e Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social (Instituto Ethos) (SILVA; FREIRE; OLIVEIRA E SILVA, 2014).

Outra diretriz importante nesse contexto, apesar de ser uma norma não certificadora, é a ISO 26000 que se caracteriza por ser uma abordagem holística e norteia as práticas de

⁵ *Stakeholders* é qualquer grupo ou indivíduo que pode afetar ou ser afetado pelos propósitos propostos pela organização [...] “Em uma análise da palavra *stakeholder*, a tradução *stake* é participação, e *holder* é titular. E a tradução dessa junção literal da palavra para o português significa partes interessadas” (PAVÃO; ROSSETTO, 2013, grifo dos autores).

responsabilidade social em qualquer organização. No Brasil, coube à Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) a responsabilidade pela tradução e aplicação da norma (ABNT, 2010).

Assim, a ISO 26000 define Responsabilidade Social como:

[...] a responsabilidade de uma organização pelos impactos de suas decisões e atividades na sociedade e no meio ambiente, por meio de um comportamento ético e transparente que contribua para o desenvolvimento sustentável, inclusive a saúde e bem-estar da sociedade; leve em consideração as expectativas das partes interessadas; esteja em conformidade com a legislação aplicável e seja consistente com as normas internacionais de comportamento; e esteja integrada em toda a organização e seja praticada em suas relações (ABNT, 2010, p. 4).

Todas essas normas e indicadores direcionam as organizações para uma atmosfera mais responsável e sustentável. É importante destacar que todas tiveram influências do modelo *Triple Bottom Line* (SILVA; FREIRE; OLIVEIRA E SILVA, 2014), que será abordado no próximo segmento.

2.2 Triple Bottom Line (TBL)

Conhecido por *3Ps - People, Planet and Profit*⁶, o conceito do *Triple Bottom Line* faz referência à mensuração de resultados de uma empresa, abordando os aspectos: sociais, ambientais e econômicos (SANT'ANNA, 2013). O idealizador desse conceito, Elkington (2001), trouxe para a RSE a ênfase em relação à empresa e ao meio ambiente, apresentando uma nova abordagem de sustentabilidade empresarial, baseada em três pilares: capital humano, natural e econômico. Esses três vetores formam o que o autor intitula de *Triple Bottom Line*, traduzido como Tripé da Sustentabilidade.

Por meio dessa vertente, as empresas passaram a utilizar a inovação para melhorar seus processos produtivos, objetivando alcançar um consumo consciente e gerar valor na sua cadeia produtiva. Elkington (2001) alerta que as empresas devem pensar em sustentabilidade não só em relação ao meio ambiente, pois devem equilibrar os três vetores do tripé da sustentabilidade. O autor evidencia, também, a mudança da lógica econômica da superprodução para uma lógica da qualidade e não da quantidade - que tem fundamentado o surgimento de novos modelos econômicos.

⁶ O conceito “People, Planet and Profit”, em sua tradução para o português, refere-se a “Pessoas, Planeta e Lucro”. (tradução livre dos autores).

2.3 Novos modelos econômicos e organizacionais: Desenvolvimento sustentável, Economia Verde, Economia Criativa e Economia Regenerativa

Com o passar dos anos, ficou totalmente ultrapassada a ideia de crescimento contínuo de produção e de consumo e, para tanto, devem ser considerados os limites que os ecossistemas impõem à expansão do mecanismo produtivo. Segundo Abramovay (2012), é necessário um programa de combate à miséria absoluta para suprimir a fome, rastrear os impactos ambientais da oferta de bens e serviços e a própria responsabilidade socioambiental do setor privado. “[...] o atual modelo econômico mundial é um pacto de suicídio global” (ABRAMOVAY, 2012, p. 181).

Divulgado em 1987, pela Organização das Nações Unidas (ONU), o “Relatório *Brundtland*” (ou “Nosso Futuro Comum”), trouxe o conceito de Desenvolvimento Sustentável como a capacidade de garantir e atender às necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades” (UNITED NATIONS, 1987, p. 10, tradução nossa).

De acordo com esse enfoque, surgem novos conceitos, tais como a economia criativa: uma forma de focar no papel da criatividade como impulso na vida econômica atual, integrando a proposição de que desenvolvimento cultural e econômico não são eventos separados, mas fazem parte de um processo maior de desenvolvimento sustentável (UNCTAD, 2010).

A *United Nations Conference on Trade and Development* (Unctad, 2010) definiu economia criativa da seguinte forma: “[...] é um conceito em evolução baseado em ativos criativos potencialmente gerando crescimento econômico e o desenvolvimento” (UNCTAD, 2010, p. 10, tradução nossa).

Abramovay (2012), por sua vez, apresenta uma nova abordagem sobre economia verde. Sua definição baseia-se no deslocamento entre a produção de bens e serviços e sua base energética e material, ocorrendo de tal maneira que ele possa ser acelerado, com resultados sociais e ambientais. Ou seja, é aquela economia que melhora o bem-estar e reduz a desigualdade, sem o aumento da exploração ecológica.

Fullerton (2015), seguindo essa proposta, apresenta a economia regenerativa que tem como principal objetivo sustentar e promover o bem-estar e a prosperidade humana em uma economia de permanência. Baseada no processo da natureza, em que, por exemplo, uma folha que cai da árvore, decompõe-se e vira adubo para o solo, essa economia tem como cerne o reaproveitamento e a reutilização de tudo que utilizamos e consumimos: equipamentos, lixo, recursos naturais, etc. Se antes o fluxo era consumir os bens até o ponto de escassez, a economia

regenerativa busca justamente o oposto, regenerando-os permanentemente, assim, gerando uma riqueza compartilhada.

Nesse contexto, a reputação das empresas ganha importância cada vez maior, pois organizações da sociedade civil passam a exigir diretamente das instituições comportamentos mais transparentes e corretos. Essa mudança cultural exige que as organizações tenham capacidade de trazer significado à atividade empresarial, muito além do que traduzem suas folhas de pagamento e os seus balanços (ABRAMOVAY, 2012). Uma forma de dar visibilidade às práticas sustentáveis e socialmente responsáveis adotadas pelas empresas (além da elaboração e publicação de relatórios), é por meio da obtenção de certificações.

2.4 Certificações

No final do século XX, a globalização foi responsável pela integração de mercados, direcionada por um conjunto de normas de regulação, de condição liberal, controlados por órgãos internacionais (VIDIGAL, 2012).

Hamza e Dalmarco (2012) corroboram, afirmando que a necessidade de padronização de normas e processos fez com que surgissem as primeiras iniciativas de certificações. Outro ponto para sua criação e difusão é o fato de as empresas buscarem a comercialização internacional de seus produtos.

Contribuindo para a competitividade e a melhoria contínuas, diferentes certificações têm ocupado grandes espaços na vida das empresas e dos consumidores. Além disso, têm como principal função comunicar determinados padrões sociais, ambientais, geográficos, entre outros. Dentre os certificados mais usados pelas empresas, estão os que se referem aos aspectos socioambientais. Alguns exemplos desses certificados são os que comprovam a adoção de práticas sociais pela empresa e de produtos que não degradam o meio ambiente (VIDIGAL, 2012).

Ressalta-se, também, que a certificação é uma das formas de identificar e diferenciar as empresas nos mais variados aspectos (RODRIGUES, 2016). Nesse contexto, Kroetz (2000) refere-se aos programas de certificação como mecanismos de controle, de educação e de informação ao consumidor, que fazem uso das demandas que exigem produtos ecologicamente corretos e mais saudáveis. Dessa forma, as entidades necessitam se adaptar à nova realidade e a tendências contemporâneas para poder permanecer no mercado.

A presença de organizações idôneas responsáveis por analisar e certificar as empresas é imprescindível nas certificações. É necessário que o ente certificador seja reconhecido e tenha

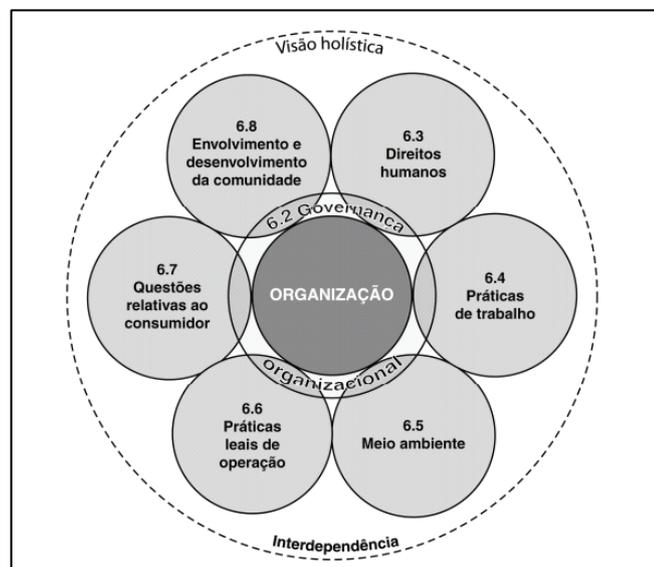
respeito junto ao mercado e à sociedade, para que a certificação seja validada e tenha aceitação pela sociedade e demais instituições (VIDIGAL, 2012).

2.5 Norma ISO 26000

Apesar de não ser uma norma certificadora, é relevante citar a ISO 26000. Sua importância baseia-se no fato de que ela fornece diretrizes e ajuda prática às organizações que almejam atuar com responsabilidade social numa abordagem mais holística e que contribua para o desenvolvimento sustentável (BARBIERI; CAJAZEIRA, 2016).

A norma ISO 26000 foi publicada em novembro de 2010, após cinco anos de muito trabalho que envolveu cerca de 450 especialistas de 99 países e 40 organizações internacionais, com uma vasta atuação regional, imersos em diferentes aspectos da responsabilidade social (ABNT, 2010.). Ou seja, constituiu-se um grupo de trabalho sobre responsabilidade social norteado pela abordagem *multi-stakeholder* - vital para o desenvolvimento de normas sociais e ambientais (BALZAROVA; CASTKA, 2012).

Figura 1: Os sete temas centrais da ISO 26000



Fonte: ABNT (2010, p. 21).

Conforme demonstra a Figura 1, a ISO 26000 está estruturada em oito temas centrais, numa visão holística e de abordagem sistêmica e de interdependência. Assim, independente da sua natureza jurídica, do setor de atividade, do tamanho ou da localização, qualquer organização pode aplicar a norma ISO 26000 (BARBIERI; CAJAZEIRA, 2016). Essa diretriz ressalta que

a chave para que as organizações se responsabilizem pelas consequências dos impactos de suas decisões, processos e atividades é por meio da governança organizacional (ABNT, 2010).

Por não possuir um caráter certificável, a adoção da norma ISO 26000 implica uma dificuldade nas organizações: a sua comprovação de adesão. Diante desse cenário, surgiu o Movimento *B Corporation* e a Certificação B⁷ como uma alternativa para a adoção de indicadores que não apenas reportem, mas também qualifiquem, por meio de certificação e adesão ao Sistema B, as organizações que desejam mostrar que estão alinhadas com os princípios da responsabilidade social e comprometidas com a sustentabilidade, por meio de uma certificação reconhecida mundialmente (GERONYMO; FERREIRA, 2018).

2.6 Movimento *B Corporation*

Em 2007, nos Estados Unidos, nasceu o Movimento *B Corp*, tendo em sua essência a criação de uma organização diferente que pudesse favorecer a criação do valor compartilhado (RODRIGUES, 2016). Ainda, segundo o autor, esse movimento tem como objetivo principal criar um novo tipo de organização, pois busca alcançar padrões rigorosos de desempenho ambiental, social, transparência e responsabilidade. Através de parcerias regionais e locais, o movimento foi se desenvolvendo globalmente e, nos dias atuais, já está presente em 74 países (B CORPORATION, 2021).

O movimento iniciou com a criação do *B-Lab* - uma organização norte-americana, sem fins lucrativos, cuja missão é usar os modelos e o poder de negócios para solucionar os problemas ambientais e sociais (RODRIGUES, 2016; WILBURN; WILBURN, 2014). O *B-Lab* tem um papel importante na efetividade do novo modelo legal de organização, a *Benefit Corporation*, que engloba os interesses coletivos através da lei habitual de fins lucrativos (RODRIGUES, 2016).

O movimento impulsiona a mudança por meio de três frentes: legislação, certificação e investimento de impacto (WILBURN; WILBURN, 2014). Dessa forma, o Movimento B apresenta um novo modelo de negócio para o mundo, baseado no *Tripple Bottom Line*, que tem como propósito ampliar o foco da atividade empresarial, unindo benefício social e lucro, fazendo com que o mercado e a sociedade caminhem nessa direção (RODRIGUES, 2016).

⁷ A Certificação B é uma avaliação de impacto, requisito para o ingresso no Sistema B. É utilizada por mais de 100.000 empresas no mundo, por meio do *B Impact Assessment (BIA)* - uma plataforma *on-line* e gratuita, responsável pela mensuração e gerenciamento do impacto socioambiental de cada tipo de modelo de negócio. Assim, a ferramenta contempla uma análise detalhada de como sua empresa interage com seus funcionários, clientes, comunidade e meio ambiente (SISTEMA B, 2021).

Na América Latina, mais especificamente no Chile, em 2012 foi fundado o Sistema B, sendo parceiro oficial do *B-Lab* (SISTEMA B, 2021). No Brasil, o movimento estabeleceu-se em 2013, através dos empresários Marcel Fukuyama e Rodrigo Baggio, profissionais reconhecidos na área de negócios sociais no Brasil. Por três anos, o Sistema B Brasil ficou incubado pelo CDI (Comitê para Democratização da Informática) e, em 2016, tornou-se uma organização formal e independente (SISTEMA B, 2021), nos moldes de Organização da Sociedade Civil (OSCIP) (RODRIGUES, 2016).

De acordo com Rodrigues (2016), o Movimento *B Corp*, no Brasil, estrutura-se considerando os seguintes segmentos:

- *B-Lab* - É através desse órgão que são concedidas as certificações *B Corp* mundial; além de oferecer informações para investimento de impacto e benefícios (*B-Analytics*), tem como função local, ou seja, nos Estados Unidos, atuar no judiciário (*Benefit Corp*).
- Sistema B - Tem como função o fomento do movimento e seu relacionamento com *stakeholders*, por meio da relação com a *B-Lab* e empresas locais.
- Empresas B - São aquelas empresas com fins lucrativos e fins socioambientais, certificadas pelo *B Corp* e que utilizam o selo *B Corp*. Pela avaliação (*B-Impact Assessment*), a sua performance socioambiental é comprovada e mensurada, e elas devem atender a todos os requisitos para concessão da certificação *B-Corp*.

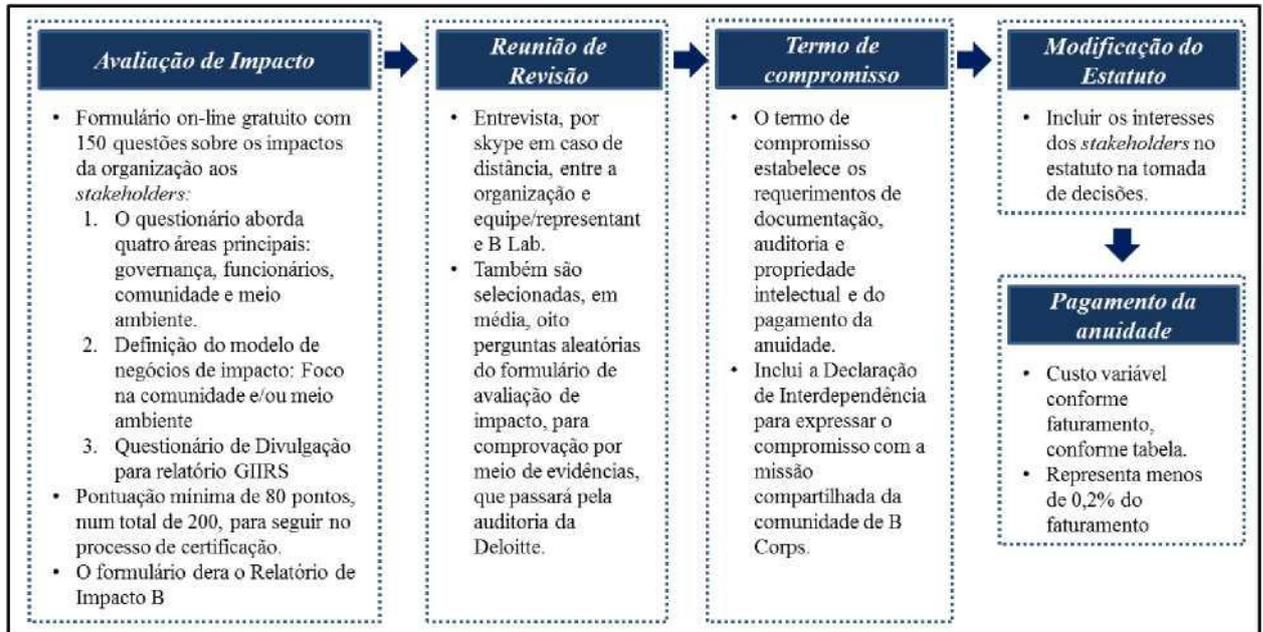
Vale ressaltar que o Sistema B colabora na certificação das empresas na América do Sul, mas o *B-Lab* é quem concede a certificação (COMINI; FIDELHOLC; RODRIGUES, 2014).

2.7 Processo para certificação *B Corp*

Como um mecanismo de regulamentação empresarial, o processo de certificação *B Corp*, serve para direcionar as atividades empresariais de forma sustentável, ou seja, equilibrando o âmbito ambiental, econômico e social (RODRIGUES, 2016). Esse autor caracteriza o processo de *Certificação B* das empresas como um instrumento que estabelece padrões comuns e distingue as organizações engajadas com a responsabilidade socioambiental daquelas que usam o tema somente para promoção de marketing, além de criar uma rede de empresas do bem. São certificadas as organizações que mantêm o seu direcionamento na geração de lucro, mas também buscam criar impactos sociais verificáveis e mensuráveis por meio de avaliação e impacto (*B-Impact Assessment*).

A fim de promover e identificar um alto padrão de prestação de contas, performance e transparência, o processo para obter a certificação compreende cinco etapas, conforme descrito na Figura 2.

Figura 2: Processo de Certificação *B Corporation*



Fonte: Comini, Fidelholc e Rodrigues (2014, p. 7).

Desenvolvida pelo *B-lab*, a ferramenta *B-Impact Assessment* (BIA) é responsável por avaliar o impacto ambiental, econômico e social. Para que uma empresa seja certificada, ela deve atingir a pontuação mínima de 80, num total de 200 pontos na avaliação de impacto (RODRIGUES, 2016). Essa ferramenta integra o sistema *Global Impact Investing Rating System* (GIIRS) (RODRIGUES, 2016). Com um sistema transparente e abrangente, o GIIRS avalia o impacto ambiental e social de fundos e empresas, utilizando-se de *ratings*⁸ e análise de *rankings* de investimento (B-ANALYTICS, 2021).

O BIA é uma ferramenta gratuita *on-line* que serve tanto para fornecer informações sobre investimentos de impacto quanto para a validação do certificado. O BIA é composto por cinco dimensões, conforme descrito no Quadro 1 (p. 12):

⁸ *Rating* é a determinação por meio de atribuição de pesos dentro de uma escala predeterminada das chances que a empresa possui de efetuar bons negócios com o tomador que está sob análise (RODRIGUES, 2012).

Quadro 1: Segmentos que compõem o conteúdo do *B-Impact Assessment*

Segmento	Descrição
Governança	Inclui questões sobre Missão, Engajamento, Anticorrupção e Transparência. Avalia também a distribuição do poder de tomada de decisões na empresa, controles internos, prestação de contas e atendimento ao cliente.
Funcionários	Engloba questões sobre salários, benefícios, direito de propriedade, ambiente de trabalho, comunicação, direitos humanos, políticas de trabalho, saúde ocupacional e segurança. Avalia também diferentes tipos de grupos, abrangência e equidade.
Comunidade	São questões referentes a métricas de comunidade, ou seja, relacionamento com fornecedores e distribuidores, envolvimento local, geração de empregos, engajamento cívico e doações.
Meio ambiente	Meio ambiente - Avalia as instalações e gestão dos impactos da atividade em exercício, como resíduos, uso de água e energia, características da construção, etc.
Cliente	Foca na avaliação da oferta de produtos e serviços que promovem benefício público e para comunidades desamparadas. As questões procuram verificar se a oferta soluciona algum problema social.

Fonte: Rodrigues (2016, p. 77).

Na sua fase final, é estabelecido um termo de compromisso que determina os requerimentos de documentação, auditoria⁹ e propriedade intelectual. Também é solicitada a Declaração de Interdependência, na qual a empresa compromete-se com a missão compartilhada da comunidade *B Corp*, que, a partir de então, passa a integrar. Também fica estabelecido um pagamento de anuidade que varia com o faturamento de cada empresa, mas segue um teto menor que 0,2% do faturamento anual das empresas (RODRIGUES, 2016).

Após serem certificadas, as empresas têm recursos legais a serem cumpridos. Ou seja, no Brasil, a organização certificada como Empresa B prevê que os documentos legais da constituição devem receber duas cláusulas específicas, seja no Estatuto Social ou no Contrato Social. Os conteúdos dessas cláusulas disciplinam o relacionamento interno e externo da organização, atribuindo uniformidade ao empreendimento. Elas representam as obrigações legais das empresas, e estão disponíveis publicamente e registradas nas Juntas Comerciais dos estados brasileiros (RODRIGUES, 2016).

As empresas certificadas tornam-se membros da comunidade *B Corp Global*, passando a atuar no Sistema B. O certificado permite que as empresas possam não só declarar que são sustentáveis e éticas, como comprovar o seu engajamento com esses valores e práticas, por meio de uma organização certificadora independente (WILBURN; WILBURN, 2014).

⁹ As auditorias, assim como as entrevistas, ocorrem de forma *on-line*, entre a organização, a equipe-representante e o *B Lab*, mediante solicitações de arquivos digitais (SISTEMA B, 2021).

2.8 Perfil do contador

As organizações, por estarem inseridas em ambientes de incertezas e de complexidade, são instadas a buscar a construção de novas performances de práticas de gestão e a procura constante de profissionais capacitados (LEAL; SOARES; SOUSA, 2008).

Nesse contexto, a atuação do profissional contábil ganha destaque, pois exerce um papel fundamental na gestão empresarial, já que é responsável por estudar, interpretar e registrar o patrimônio das entidades, as variações, os fenômenos e as atividades tanto econômicas como financeiras (FORTES, 2005).

Attie (1998) corrobora esse entendimento, afirmando que o contador produz informativos de controle, apresentando informações e dados relativos a eventos econômicos ocorridos que tenham ou possam ter impactos diretos ou indiretos no patrimônio das empresas. Esses informativos devem atender às diferentes necessidades de usuários internos e amparar os interesses dos usuários externos.

Breda (2019), por sua vez, observa que os avanços tecnológicos permitiram a criação de muitas ferramentas e informações, possibilitando uma maior autonomia aos profissionais contábeis e exigindo novas habilidades. Já Silva (2016), destaca que as várias mudanças no cenário econômico e nas organizações têm impulsionado os profissionais contábeis a buscarem a educação continuada para acompanhar o dinamismo exigido no mercado.

Leal, Soares e Sousa (2008) alertam que o perfil do profissional contábil precisa ser modificado, para que possa atender às expectativas das organizações. Os autores afirmam que o mercado procura profissionais da área contábil com um saber que transcenda o conhecimento técnico e alcance uma perspectiva mais ampla de processo de toda a organização; além disso, reforçam a ideia de que é necessário que esse profissional tenha competências para entender o “negócio” de sua organização, participando ativamente das decisões estratégicas de forma coerente e dinâmica.

Destacando o novo perfil do profissional contábil, os autores Lev e Gu (2016) ressaltam que diante dos novos cenários econômicos, faz-se necessário um novo perfil profissional. Esses autores defendem a riqueza escondida nos ativos intangíveis¹⁰ que a maioria das empresas

¹⁰ Cabe destacar o Pronunciamento Técnico CPC 04 (R1) - Ativo Intangível, emitido 03/10/2008 e atualizado em 05/11/2010, que define, o ativo intangível como “um ativo não monetário identificável sem substância física” (CPC, 2010, p. 5). São exemplos de ativos intangíveis: marca e imagem associada à empresa, patentes, participação no mercado, entre outros (CPC, 2010).

desconsideram - passando uma impressão equivocada do seu real valor. Destacam, ainda, que cabe aos contadores evidenciar e contabilizar os ativos intangíveis, trazendo, dessa forma, o real valor de suas organizações.

Complementando essa visão, Pires, Ott e Damacena (2009), referindo-se ao profissional contábil, reiteram que há uma demanda de um contador capaz de contribuir na gestão da organização, não apenas fornecendo informações para a utilização dos gestores, mas também, analisando-as e participando ativamente do processo decisório.

2.9 Relato Integrado

O Plenário do Conselho Federal de Contabilidade (CFC) aprovou, em 26/11/2020, o Comunicado Técnico Geral (CTG) 09 - Relato Integrado, mas é importante salientar que a adoção da norma não torna obrigatória a elaboração do Relato Integrado (CFC, 2020).

O Relato Integrado é um relatório que demonstra informações financeiras e não financeiras, e encontra-se em fase de implementação no Brasil. Ele surge como uma resposta ao mercado e como uma proposta para seus usuários juntarem esforços em uma única direção, tendo como foco principal a comunicação da geração de valor (KASSAI, 2019).

Nesse viés, Kraemer (2011) corrobora, afirmando que empresas inteligentes e experientes conseguem identificar resultados econômicos e estratégicos do engajamento da organização no contexto ambiental. É importante destacar que esses resultados não se tornam viáveis de forma imediata, pois existe a necessidade de organizar todos os passos para trazer a variável ambiental para dentro da organização, fazendo com que possa atingir o conceito de excelência ambiental, conseqüentemente, uma vantagem competitiva.

Zavatieri (2016), por sua vez, complementa que a divulgação do relatório é direcionada por seis capitais: manufaturado, intelectual, financeiro, humano, natural e social, e de relacionamento. Com exceção do capital financeiro, os demais capitais, denominados não financeiros, podem ser classificados contabilmente como intangíveis e fazem parte do valor da companhia como um todo (KASSAI, 2019).

Kassai (2019) define Relato Integrado como uma metodologia mais eficiente e coerente de relatos corporativos, com um arcabouço elaborado e mais robusto, que busca uma melhor qualidade de informações disponíveis aos provedores de capitais (financeiros e não financeiros), ressaltando a performance e o direcionamento de uma organização relacionados à sua capacidade de gerar valor a longo prazo.

Portanto, o Relato Integrado constitui-se em uma junção dos relatórios de sustentabilidade e contábeis, que de forma mais transparente, comunicam informações para os *stakeholders* (KASSAI; CARVALHO, 2013).

Segundo o IIRC (2021), empresas que adotam o Relato Integrado possuem melhores resultados e atraem maior número de acionistas a longo prazo. Assim, a partir dessa percepção, muitas empresas têm aderido à utilização desse modelo de Relatório, que dá maior visibilidade às práticas sustentáveis e agrega valor competitivo à imagem das organizações.

3 METODOLOGIA

Como proposta metodológica, foi adotada uma pesquisa de natureza aplicada. Para Marconi e Lakatos (2009), a pesquisa aplicada caracteriza-se por sua natureza prática, pois seus resultados podem ser aplicados ou utilizados, imediatamente, na solução dos problemas reais.

O estudo proposto caracteriza-se, quanto aos objetivos, como uma pesquisa exploratória. Segundo Gil (2012, p. 1), “Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Pesquisas exploratórias, geralmente, fazem parte da primeira etapa de uma investigação mais ampla. Já a pesquisa descritiva, segundo Marconi e Lakatos (2009), tem a finalidade de investigar e descrever as características de fatos e fenômenos, isolar variáveis, avaliar programas, trazendo maior exatidão.

Com base nos objetivos estabelecidos, foi adotada a abordagem qualitativa. De acordo com Creswell e Clark (2013), a pesquisa qualitativa é empregada para entender e explorar o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. Stake (2011) complementa, afirmando que a abordagem qualitativa é conhecida por ser complexa e mais descritiva, interpretativa, baseada em experiências situacionais e humanísticas.

Conforme Marconi e Lakatos (2009), universo é o conjunto de seres animados ou inanimados que possuem características em comum; já a amostra é a seleção escolhida de acordo com a população. Esta pesquisa teve como universo e amostra as empresas certificadas pelo Sistema B, situadas no estado do Rio Grande do Sul¹¹, que, atualmente, são 6 Empresas B. Todas receberam o questionário, portanto a amostragem foi não-probabilística, intencional.

Foi realizada uma pesquisa documental, a fim de aprofundar o tema, fundamentando o estudo proposto a partir de uma revisão bibliográfica. Para a realização do estudo, foi utilizada,

¹¹ As empresas Certificadas B no Estado do Rio Grande do Sul, foram identificadas por meio de pesquisa junto ao *site* do Sistema B, na aba "Conheça as Empresas B", filtrando-se pelo o Estado do Rio Grande do Sul.

também, a pesquisa de campo, através da técnica de coleta de dados, por meio da aplicação de questionário, a partir de formulário *on-line* (*Google* ferramentas), enviado por *e-mail* aos contadores e seus superiores imediatos, em nível hierárquico maior, das empresas certificadas pelo Movimento B, no Rio Grande do Sul, com perguntas abertas e fechadas.

Segundo Gil (2009), questionário é uma técnica de investigação que se constitui em um conjunto de questões. Assim, para a coleta de dados, foram utilizados dois questionários distintos, com perguntas abertas e fechadas de múltipla escolha - um direcionado aos contadores e outro, ao superior imediato (nível hierárquico maior). Cada questionário contou com 05 perguntas fechadas e 05 perguntas abertas, totalizando 10 perguntas em cada questionário. Para a elaboração, a formatação, o envio e a tabulação dos dados, foi utilizada a ferramenta “formulários” do *Google*, bem como seus recursos disponíveis.

Foram feitos contatos telefônicos prévios e trocas de *e-mails* com essas empresas, a fim de solicitar adesão ao preenchimento dos questionários. É importante observar que um contador terceirizado, contratado por empresa certificada pelo Sistema B, não aceitou participar da pesquisa, justificando tratar-se de políticas internas da instituição. Houve, também, uma empresa que não aceitou participar, justificando a falta de tempo. Portanto, a análise contou com o retorno de 5 empresas no questionário direcionado aos gestores e com 4 empresas no questionário direcionado aos contadores.

Além disso, foi realizada pesquisa documental junto ao site corporativo de cada empresa certificada pelo Movimento B, do Estado do Rio Grande do Sul, com acesso público e digital, com o intuito de buscar documentos institucionais que pudessem contribuir para a pesquisa.

A metodologia usada para análise dos documentos foi a análise documental. Segundo Moreira (2010), a pesquisa documental caracteriza-se como processo de identificação, verificação e apreciação de documentos, de forma qualitativa.

Já para a análise das respostas abertas do questionário *on-line*, a metodologia escolhida foi a análise de conteúdo. Segundo Bardin (2011, p. 15), “[...] a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Para essa análise, levou-se em conta as convergências e divergências observadas no conteúdo das respostas, que foram agrupadas por temática de resposta e pelo grupo de respondentes (contadores e gestores).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Foram aplicados questionários nas 6 empresas gaúchas do Sistema B, sendo que dessas, 5 participaram da amostra. Com diferentes perfis, as empresas caracterizam-se entre prestação de serviço e indústrias, com portes distintos, desde pequenas empresas até grandes indústrias, localizadas em diversos municípios e que compõem diferentes segmentos. A seguir, faz-se uma resumida descrição dessas empresas, apresentando suas características e propósitos.

Quadro 2: Breve descrição das empresas e seus respectivos participantes da amostra

Empresas	Participantes
Empresa 1 - Do ramo de prestação de serviços, médio porte, tem 20 anos de mercado e procura investir no cuidado, respeito e diversidade; também se preocupa com seus colaboradores e, por isso, adota uma política de salários mais altos que o praticado no mercado, além de oferecer benefícios adicionais	A gerente de RH da empresa e sua contadora (escritório terceirizado).
Empresa 2 - Também do ramo de prestação de serviços, médio porte, com 11 anos de mercado, adota o mínimo de impacto sobre o ambiente natural, monitorando e mitigando os seus impactos, objetivando contribuir para a dinâmica e os processos naturais, levando em conta o contexto socioeconômico existente.	O proprietário da empresa e sua contadora.
Empresa 3 - Indústria de grande porte, com mais de 50 anos de mercado, com ramificações em outro estado, norteia-se pela conservação da terra, flora e fauna. Exporta para cinco países e prioriza a compra com fornecedores locais. Com 98% de seus resíduos reciclados, tem neutralização do CO ₂ superior à sua geração e disponibiliza assistência médica para todos os seus funcionários.	O administrador da empresa e seu contador.
Empresa 4 - Do ramo de prestação de serviços, com 3 anos de existência, busca um mercado mais justo; conta com um projeto social próprio e acredita que os novos modelos de trabalho exigem uma nova morfologia, coletiva e em rede. Traz no seu DNA a leveza, o dinamismo e a inovação.	Somente a proprietária da empresa.
Empresa 5 - Do ramo da indústria, de médio porte, com 6 anos no mercado. Preocupa-se em analisar o impacto que seus processos geram no meio ambiente e busca sempre trazer opções sustentáveis para sua cadeia; ressalta que realiza reuniões gerais trimestrais com toda equipe para a apresentação de todos os dados da empresa.	O proprietário da empresa e seu contador (escritório terceirizado).

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

4.1 Perfil dos contadores respondentes

Buscando identificar o perfil dos contadores que atuam nas empresas pesquisadas, eles foram questionados quanto ao sexo, tempo de atuação na empresa e tempo de formação.

Quanto ao sexo, os resultados demonstraram que os respondentes são 50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino. Observou-se que as mulheres contadoras estão

conquistando seu espaço junto ao mercado de trabalho, segmento que foi dominado muito tempo pelos homens. Nessa amostra, confirmou-se a equiparação percentual dos gêneros na ocupação das vagas.

Quanto ao tempo de atuação da empresa, 50% dos contadores respondentes possuem de 1 a 5 anos, e 50% são contadores de escritório terceirizados, logo não existe tempo de atuação efetivo na empresa. Isso evidencia que as empresas maiores optam por ter seu próprio setor contábil, mas seus contadores têm pouco tempo de atuação. Já empresas menores optam por terceirizar seu serviço contábil.

Referente ao tempo de formação, 50% dos contadores são formados há mais de 15 anos; 25% têm formação de 10 a 15 anos e 25% de 1 a 5 anos. Pôde-se notar que metade dos contadores questionados têm mais de 15 anos de formação - pelo fato de fazerem parte do universo contábil, no qual acontecem constantes atualizações, é de extrema necessidade a sua formação continuada.

4.2 Perfil dos Gestores (superiores imediatos dos contadores) respondentes

Buscando identificar o perfil dos superiores imediatos dos contadores que atuam nas empresas pesquisadas, esses foram questionados quanto ao seu sexo, cargo e tempo de atuação na empresa.

Quanto ao sexo, 40% são do sexo feminino e 60%, do sexo masculino. Esses dados expressam que as mulheres também têm se destacado em cargos de liderança, alcançando percentual maior na ocupação das vagas em relação aos homens. Essa constatação alinha-se ao princípio de equidade de gênero, assumido pelo Sistema B (RODRIGUES, 2016).

Quanto ao cargo, 60% são proprietários; 20%, gerentes e 20%, administradores. Esses dados demonstram que o cargo dos superiores imediatos dos contadores está diretamente relacionado ao tamanho da empresa, pois evidencia-se que em empresas menores o próprio proprietário faz a gestão, enquanto em empresas maiores, há gerentes e administradores.

Quanto ao tempo de atuação da empresa, 60% possui de 5 a 10 anos; 20%, mais de 15 anos e 20%, de 1 a 5 anos. Percebe-se que mais da metade dos gestores questionados (60%), possuem de 5 a 10 anos de atuação, demonstrando vasta experiência e domínio em suas empresas.

4.3 Análise da participação do contador no processo de Certificação B e pós-certificação

4.3.1 Sob a Perspectiva do gestor (superior imediato)

Quanto aos desafios enfrentados pelos contadores, na visão dos seus superiores imediatos (gestores), fica muito claro que nas empresas que têm o setor de contabilidade terceirizado, os desafios foram maiores, devido ao pouco ou nenhum conhecimento quanto à Certificação B. Já as empresas que têm seu próprio contador (ou área contábil estruturada), puderam difundir a todos os seus colaboradores o universo do Sistema B, tornando mais compreensível o processo de certificação.

O administrador da empresa 3 aponta que “[...] *não foram encontradas grandes mudanças ou desafios, a empresa já vinha bem alinhada com os princípios para o processo da Certificação B*”¹² (Administrador 3, 2021). Considerando que em relação à Certificação B, ela ficou entre as 5 empresas brasileiras com a maior pontuação. A análise do relatório *Global Reporting Initiative* (GRI) também evidenciou o comprometimento dessa empresa em relação à responsabilidade socioambiental, contando com selos de sustentabilidade desde o ano de 2005.

Em contrapartida, o proprietário da empresa 5, do ramo industrial, mas com sua contabilidade terceirizada, revelou que a sua contabilidade não atuou ativamente no processo de Certificação B. Isso gera uma incoerência, pois a empresa precisa estar alinhada e comunicativa com todos os seus setores, principalmente, o contábil. É de extrema importância o setor contábil estar a par da Certificação B, pois além de estar alinhado aos princípios da certificação, cabe-lhe incluir duas cláusulas nos Estatutos Sociais / Contratos Sociais da empresa, referentes aos interesses dos *stakeholders* na tomada de decisões e a declaração de interdependência, mostrando que pretende fazer parte de um novo setor da economia.

O proprietário da empresa 2 detalhou que a contabilidade forneceu muitos relatórios e documentos comprobatórios para o processo de certificação, principalmente na área de RH / pessoal. Esses relatórios mais específicos de RH/pessoal mencionado, atendem à dimensão "funcionários", que compõe o *B-Impact Assessment*, ferramenta usada no processo da Certificação B para avaliar o impacto (ambiental, econômico e social). Rodrigues (2016) evidencia que essa dimensão engloba questões sobre salários, benefícios, direitos humanos,

¹² Para diferenciar as citações bibliográficas dos trechos das entrevistas, optou-se por colocar a formatação em itálico. A observação serve para citações diretas curtas e longas.

políticas laborais, entre outras ações; e que seu maior objetivo é medir o impacto que a empresa está gerando em seus funcionários.

A proprietária da empresa 4, por sua vez, informou que o escritório terceirizado de contabilidade forneceu os documentos necessários para a auditoria e, por estarem organizados, foi fácil reunir o que foi demandado.

Quanto a capacitações e treinamentos oferecidos aos contadores, os superiores imediatos que têm sua contabilidade terceirizada, responderam que não houve nenhum tipo de treinamento - apenas solicitaram documentos e relatórios à sua contabilidade. Diferenciando-se das contabilidades terceirizadas, as empresas que têm sua própria contabilidade, preocuparam-se em capacitar seus contadores, fazendo com que eles estivessem alinhados à visão e à missão da empresa e do Sistema B.

Destaca-se que o administrador da empresa 3 relata que “[...] não foi necessário. Os processos internos já estavam alinhados com a Certificação B.” (Administrador 3, 2021).

Em contrapartida, o proprietário da empresa 2 relatou que não só a área contábil, mas toda a empresa, receberam treinamento e “aprenderam” sobre a visão e princípios da sua organização e do Sistema B. Ressaltou, ainda, que estão em um processo contínuo de verificação, imposto pela certificação e, dessa forma, continuam em um longo processo de aprendizado. A Certificação B realmente é um processo que necessita de controles e de ajustes contínuos e ações a longo prazo. Assim, faz-se necessário que a empresa esteja em constante aprendizado e adequações.

4.3.2 Sob a Perspectiva do contador

Questionou-se os contadores sobre sua atuação antes, durante e depois da Certificação B, e se houve desafios. Foi possível perceber que as empresas que têm seus próprios contadores, evidenciaram um desempenho melhor do que as empresas que terceirizam esse serviço – já que essas solicitaram os documentos necessários para certificação ao terceirizado, mas não os incluíram no processo de certificação.

A contadora da empresa 2 aponta que:

[...] Para a certificação foi necessário responder questionários e prestar informações diversas da área contábil e da empresa. Na tomada de decisão, a questão social e ambiental é bem presente, o que diferencia dos empreendimentos tradicionais (ou antigos). O contador participa destas decisões (Contadora 2, 2021).

A fala da contadora reforça o que os autores Pires, Ott e Damacena (2009) destacam sobre o profissional contábil: deve estar inserido nesse novo ambiente de negócios, necessita atuar na gestão da organização, não apenas fornecendo informações, mas também, analisando-as e tendo participação ativa no processo decisório. Já o contador da empresa 3 observa que não houve muitos desafios ou grandes mudanças, pois a empresa estava bem alinhada com os princípios da Certificação B em suas rotinas – foi sua função fornecer relatórios e preencher questionários.

Outros dois contadores, um da empresa 1 e o outro da empresa 5, responderam que por serem terceirizados, acabaram não participando do processo de certificação. Mas, pelo fato de terem fornecido documentos e relatórios necessários, sua participação foi evidenciada, mesmo que não tenham tomado ciência dela.

Quanto à capacitação, treinamentos e atualização profissional, todos foram unânimes em responder que se mantêm atualizados, fazendo cursos especializados. É importante destacar que além do curso, eles usam outras ferramentas, conforme relata-se a seguir.

O contador da empresa 3 afirma que:

[...] Em um primeiro momento estudos, sejam artigos ou assuntos e também em cases práticos de outras empresas. Além da troca de experiências com colegas da área e de outras áreas (Contador 3, 2021).

A contadora da empresa 2 busca sua atualização com muita leitura, com auxílio de palestras e seguindo as páginas da *internet*, como a do Conselho Regional de Contabilidade (CRC). Silva (2016) compartilha esse entendimento e destaca que, no cenário atual, o profissional contábil não se limita somente em apresentar números, mas se torna um aliado nas tomadas de decisões gerenciais. Diante de várias mudanças, a educação continuada é essencial para a atualização do profissional.

Já a Contadora da empresa 1 afirma que se mantém atualizada apenas com cursos especializados. Pôde-se notar que contadores que buscam poucas ou nenhuma forma de atualização tiveram mais dificuldades no processo de certificação ou acabaram não participando do processo.

4.3.3 Análise das convergências e das divergências entre as duas perspectivas

Tanto o administrador quanto o contador da empresa 3 trouxeram perspectivas muito semelhantes, pois entendem que a empresa já trazia em seu DNA princípios que vão ao encontro

da Certificação B, tornando o processo muito mais tranquilo. Já o proprietário da empresa 2 alinhou sua resposta com a contadora no sentido de que os maiores desafios encontrados foram quanto à entrega de documentos comprobatórios, e ambos destacaram como desafio um perfil de contador mais voltado às questões sociais e ambientais.

Em contraponto, percebeu-se uma divergência entre a perspectiva da gerente da empresa 1 e seu contador terceirizado. A gerente afirmou que os desafios foram mais internos e que comunicou ao escritório de contabilidade que a empresa estava passando pelo processo de certificação, para que eles pudessem entender algumas decisões e condutas da instituição. Contudo, o contador rebateu, afirmando que não participou do processo. Ficou claro que por mais que ele tenha fornecido documentos e que tenha tido conhecimento da certificação, o fato de ele não ter participado do processo reflete que não houve apropriação do tema – percebe-se, assim, problemas na comunicação que impossibilitam os ajustes necessários que a certificação exige do setor contábil.

4.4 Relato Integrado e Certificação B

4.4.1. Sob a perspectiva do Gestor

Sobre a contribuição do modelo de avaliação de impacto utilizado pelo Sistema B para a utilização do Relato Integrado como uma prática de gestão, os superiores imediatos dos contadores sinalizaram positivamente, pois entendem que é uma tendência as empresas estarem aderindo a uma atmosfera mais responsável do ponto de vista socioambiental, o que demanda a elaboração de relatórios mais coerentes com a realidade das organizações.

O administrador da empresa 3 corrobora descrevendo “[...] *Com certeza, ações como esta são cada vez mais necessárias nem só para certificações, mas também como boas práticas internas de governança e transparência*” (Administrador 3, 2021).

Por ser algo recente e por ter sua contabilidade terceirizada, as empresas 1 e 5 afirmaram não conhecer o Relato Integrado e que ele não faz parte de sua prática de gestão. Isso demonstra que o contador que atende a essas empresas poderia ter sido mais proativo e inovador, apresentando o relatório como uma nova ferramenta para seus clientes, assim, podendo diferenciar-se dos concorrentes.

O proprietário da empresa 2 acredita que o modelo de avaliação de impacto utilizado pelo Sistema B para certificação contribuiu para utilização do Relato Integrado, mas completa

afirmando que a utilização desse relatório não se limita somente às empresas Certificadas B, mas também a outras entidades sérias que utilizem certificações na área de sustentabilidade.

Já a gerente da empresa 1 observa que o Relato Integrado contribui para que as empresas repensem a sua forma de atuação, pois se foi criado como um modelo, o objetivo é que as organizações caminhem nessa direção ou fiquem deslocadas do mercado.

Esses relatos corroboram com o autor Kassai (2009) no sentido de que o Relato Integrado vai ao encontro de demandas do mercado que busca cada vez mais por informações precisas sobre a geração de valor das organizações ao longo do tempo.

Destaca-se que as empresas que conheciam, ou até mesmo tinham como prática de gestão o Relato Integrado, tiveram uma melhor performance na Certificação B, o que evidencia a sua contribuição e importância.

4.4.2. Sob a perspectiva do Contador

O mesmo questionamento sobre o Relato Integrado foi feito aos contadores que também se manifestaram positivamente em relação à sua contribuição, pois entendem que empresas engajadas com o propósito socioambiental estão crescendo, indo totalmente ao encontro das demandas da sociedade em geral. Notam que se tornou uma preocupação geral da sociedade o posicionamento das empresas em relação à sustentabilidade e às ações sociais.

O contador da empresa 3 destaca que “[...] *Ele contribuiu sim, mas já utilizamos em demonstrações e apresentações os relatórios de sustentabilidade*” (Contador 3, 2021). Já a contadora da empresa 2 entende a importância do Relato Integrado e sua compatibilidade com a Certificação B, pois ele tende a preparar e vincular as informações da empresa, em panorama geral, projetando esses dados para a sociedade.

Dois contadores que são terceirizados, um da empresa 1 e o outro da empresa 5, dizem conhecer o Relato Integrado, mas afirmam que ainda não é uma realidade nas empresas em que eles trabalham.

É perceptível, a partir do discurso dos contadores que conhecem o Relato Integrado, um alinhamento ao exposto por Zavatieri (2016) no sentido de que as organizações passaram a perceber a riqueza que os ativos intangíveis geram para a empresa e o quanto eles aumentam seu valor de mercado.

4.4.3 Análise das convergências e divergências entre as duas perspectivas

O administrador da empresa 3 e seu contador concordam que a Certificação B tem contribuído para a utilização do Relato Integrado e acreditam que as empresas estão cada vez mais conscientes do seu impacto junto à sociedade; entendem-no com uma forma de boas práticas e transparência.

O proprietário da empresa 2 e sua contadora corroboram que o Relato Integrado torna-se uma prática de gestão para as empresas que buscam ou já tenham a Certificação B, pois já familiariza a empresa com dados contábeis e dados socioambientais, demonstrando que ambos têm a mesma importância. Também acreditam que a prática do uso do Relato Integrado vai além das empresas “Certificadas B”, entendem que empresas sérias e que se preocupam com o aspecto socioambiental devam dele se utilizar.

Em contraponto, verifica-se divergência entre o discurso de empresas que utilizam serviço contábil terceirizado e seus contadores contratados - que afirmam ter conhecimento do Relato Integrado, mas assumem que não é uma prática nas empresas que eles atendem. Cabe a reflexão sobre a postura proativa e preocupada que deveria ter o contador, em oferecer o melhor para seus clientes e empresa, apresentando soluções e ferramentas para organizações, tornando-as mais inovadoras e competitivas junto ao mercado.

4.5 Perfil do Contador B

4.5.1 Sob a Perspectiva do gestor (superior imediato)

Os gestores, quando questionados sobre qual seria o perfil de contador demandado para a atuação profissional nas Empresas B, ou melhor, como eles definiriam o “Contador B”, todos foram unânimes ao responder que esse profissional não deve se limitar somente às demonstrações contábeis, deve exercer seu poder decisório dentro da organização, deve ter uma visão holística e atualizada em relação aos temas atuais, atentando às questões de sustentabilidade e não somente aos números econômicos (financeiros e contábeis).

O administrador da empresa 3 destaca:

[...] O perfil do contador deve ser voltado não só para as demonstrações contábeis, mas também para o retorno que os investimentos e lucros retornam para sociedade. Também deve colaborar em relatórios socioambientais (Administrador 3, 2021).

O relato desse administrador vai ao encontro dos autores Pires, Ott e Damacena (2009), no sentido de que o profissional contábil não se limite a fornecer informações, mas que passe a analisá-las, participando do processo decisório.

O proprietário da empresa 5 acredita que o perfil do contador deve ser norteado pelo propósito de fazer o melhor para o mundo, que ele saia de sua zona de conforto e entenda que a organização em que está inserido preocupa-se com o planeta e por isso buscou a Certificação B. Ele deve ter um olhar para a sustentabilidade, e por ser um profissional essencial nas organizações, que pratique e incentive melhores práticas socioambientais.

Nesse mesmo viés, o proprietário da empresa 2 corrobora, afirmando que o perfil do contador deve apresentar uma visão bem ampla, entender os novos formatos de empresas, atualizar-se em relação a diversos temas e entender que sua função não se limita somente ao aspecto econômico.

Esses relatos reafirmam o que Rodrigues (2016) destaca: a Certificação B proporciona o surgimento de uma organização diferente que favorece a criação do valor compartilhado. Assim, as pessoas que nela estão inseridas passam a ter uma nova visão dos negócios.

A gerente da empresa 1 complementa que o perfil do “contador B” deve estar alinhado com os propósitos da empresa. Ele deve ter uma alta capacidade de resolver problemas e trazer soluções; além de demonstrar números, deve se preocupar com o que é melhor para todos e não só para uma das partes, pois ao assumir ser um “contador B”, você entende e quer que sua empresa não seja a melhor do mundo, mas quer que ela seja a melhor para o mundo. Essa concepção da gerente vai ao encontro da autora Rodrigues (2016), quando se refere à Certificação B, que estabelece padrões comuns e distingue empresas comprometidas com a responsabilidade socioambiental daquelas que utilizam o tema apenas como mecanismo de promoção de *marketing*.

A proprietária da empresa 4 tem sua contabilidade terceirizada. Ela acredita que o perfil do seu contador deve ser de uma pessoa bem comprometida e organizada com os históricos de documentos, pois como acontecem várias auditorias em sua empresa, até mesmo em função da Certificação B, essa conduta é de extrema importância

4.5.2 Sob a perspectiva do contador

Questionou-se aos contadores sobre sua percepção de qual seria o perfil do contador demandado para atuação nas empresas com a Certificação B, ou melhor, qual seria o perfil do “Contador B”? A maioria afirmou que o perfil deve ser de um profissional muito engajado e

sempre atento às mudanças, ou seja, esse profissional necessita de constantes atualizações nos mais diferenciados aspectos. Nesse sentido, destaca-se o relato de dois contadores:

A contadora da empresa 2 acredita que o perfil seja de um profissional que pense de forma mais ampla, que conheça a empresa para a qual trabalha, sua história, ideais, valores, equipe. A empresa não terá como único fim o lucro. O profissional, ao trabalhar com empresas certificadas, muda suas ações, hábitos em relação ao meio ambiente, a questões sociais e financeiras. Um profissional inserido, realmente, nesse novo contexto.

Nessa mesma linha, o contador da empresa 3 destaca:

[...] vejo que o perfil deve ser de um profissional que não se detém somente aos números, faturamento, despesas e lucro. Mas também com uma visão macro de como a empresa interfere na sociedade no contexto em que está inserida. Principalmente não utilizando a contabilidade como maneira reativa, mas como ferramenta de gestão para a longevidade e sustentabilidade do negócio (Contador 3, 2021).

Essas perspectivas remetem a um perfil de contador multifacetado, que não se limita somente a fornecer informações, como sugerem os autores Pires, Ott e Damacena (2009). Ademais, corroboram com Lev e Gu (2016) - que defendem a “contabilidade de Intangíveis” e reforçam que o profissional contábil que não for capaz de contabilizar o real valor de sua organização faz com que ela perca valor de mercado. Assim, enfatizam que o perfil do profissional contábil de sucesso deverá ser competente para revelar o real valor da sua empresa.

4.5.3 Análise das convergências e divergências entre as duas perspectivas

A partir da análise das respostas dos gestores e contadores, foi possível sistematizar as competências e habilidades descritas como fundamentais ao Perfil do Contador B (Quadro 3, p. 27), demonstrando as convergências e divergências apontadas nas perspectivas. Destaca-se que o critério para a sistematização foi “pelo menos uma menção”, não considerando a quantidade de vezes que foram mencionadas as respectivas competências e habilidades.

Quadro 3: Perfil do Contador B

Competências e habilidades do perfil do contador B	Perspectiva do	Perspectiva do
	Gestor	Contador
Ter pensamento mais amplo e estratégico		x
Ter visão macro da empresa		x
Buscar atualização constante		x
Enxergar além dos números	x	x
Conhecer e alinhar-se com princípios da empresa	x	x
Promover a Sustentabilidade do negócio		x
Introduzir a sustentabilidade em sua rotina	x	x
Contribuir para a geração de valor da empresa ampliando o foco para os intangíveis		x
Considerar o retorno para sociedade	x	
Participar de relatórios socioambientais	x	
Ter visão sistêmica/holística nos temas atuais de sustentabilidade	x	
Estar engajado com a responsabilidade social	x	
Exercer liderança em articulação com as demais áreas da empresa		x
Ser inovador e empreendedor	x	x

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Conforme demonstra o quadro acima, o perfil do Contador B exige, além de competências técnicas e teóricas, um conjunto de habilidades sociocomportamentais, também chamadas de *soft skills*¹³, como liderança, inovação, empreendedorismo, sustentabilidade e relacionamento interpessoal - o que demanda uma visão mais ampla e robusta sobre princípios e geração de valores das organizações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Movimento B evidencia que houve muitas mudanças ao longo dos anos, inclusive em relação à maneira de fazer negócios. As empresas entendem que o Estado não pode ser a única solução e que os negócios estão direcionando para uma economia mais inclusiva, criando oportunidades para todos. É importante destacar que esse movimento é considerado um dos movimentos econômicos mais importantes dos últimos 20 anos (SISTEMA B, 2021). Por todos esses motivos e por propor uma visão holística das organizações e seus *stakeholders*, a Certificação B chamou a atenção e serviu de motivação para o objeto desse estudo, especificamente sobre a atuação do contador nesse contexto.

¹³ *Soft Skills* são competências transversais, intituladas por vezes, como habilidades gerais, humanas, críticas, universais, habilidades não acadêmicas ou relacionadas com a formação ou função técnica desempenhada ou competências fundamentais para conseguir e manter o trabalho/emprego (SWIATKIEWICZ, 2014).

A metodologia adotada, de abordagem qualitativa, proporcionou, por meio da aplicação de dois questionários a coleta dos dados junto aos contadores e seus respectivos superiores imediatos de cinco empresas certificadas pelo Sistema B, situadas no estado do Rio Grande do Sul. Todas as informações e dados extraídos constituíram um solo fértil para o alcance do objetivo geral e dos específicos desse estudo e permitiram analisar a atuação profissional dos contadores nas empresas. Aliada à pesquisa bibliográfica, possibilitou a análise e discussão dos dados, culminando na conclusão do presente artigo.

O estudo demonstrou que as organizações passaram a compreender a necessidade de uma ruptura no modelo de fazer negócios; que a busca somente pelo lucro já não faz mais sentido; que precisam ir muito além, atendendo a demanda de todos os *stakeholders*. Também precisam conectar seus discursos às suas práticas.

Nesse sentido, evidenciou-se que, para o processo de Certificação B, os contadores participaram fornecendo dados e relatórios contábeis. Também foram responsáveis por modificar os Estatutos Sociais/ Contratos Sociais, incluindo duas cláusulas específicas que têm como propósito disciplinar o relacionamento interno e externo da organização, atribuindo uniformidade à organização e seu comprometimento com a missão compartilhada da comunidade *B Corp*. Notabiliza-se que contadores de escritórios terceirizados tiveram pouca ou nenhuma participação no processo, demonstrando uma fragilidade.

Em relação aos desafios enfrentados, identificou-se a inclusão das causas sociais e ambientais em suas rotinas de trabalho, além de levá-las em consideração na tomada de decisão; a necessidade de atualização permanente e o alinhamento com a visão e os demais processos da empresa.

Quanto ao Relato Integrado, o estudo apontou que os gestores e os contadores entrevistados entendem que todas essas mudanças e a própria Certificação B colaboraram para a adoção dessa prática. Enfatizam que ele vai ao encontro das demandas do mercado que busca, cada vez mais, por informações transparentes e precisas. Ademais, constatou-se que as empresas que já utilizavam o Relato Integrado tiveram melhor desempenho na Certificação B.

No que tange ao perfil do contador demandado pelas empresas B, ele se configura como um profissional inovador, que não se limita a fornecer apenas números, mas também os analisa e participa das decisões de sua organização. Deve buscar atualizações constantes e entender que sua função vai muito além do viés econômico. O contador das Empresas B deve entender que o valor dessas vai muito além do que demonstra o seu balanço, e que cabe a ele, como profissional contábil, evidenciar o seu real valor.

O perfil desse contador exige, além de competências técnicas e teóricas, um conjunto de habilidades socio comportamentais, também chamadas de *soft skills*. Ser resiliente, saber liderar, inovar, trabalhar em equipe, entre outras habilidades, faz parte do perfil desejado pelas Empresas B - já que contribuem para um ambiente de trabalho colaborativo, saudável e produtivo - atributos fundamentais para que as empresas sobrevivam em um mercado muito competitivo.

Salienta-se que pela finitude de recursos e o compromisso com as próximas gerações e com o planeta, o profissional contábil precisa estar mais atento às questões socioambientais, pois, além de ser uma nova demanda do mercado, mostra o seu envolvimento e preocupação com o mundo e a sociedade em que vive. É necessário que se dê mais ênfase a esses assuntos durante o percurso formativo no ensino superior, para que os contadores estejam preparados para essas demandas, com a consciência de que são corresponsáveis: são parte do problema, mas são parte da solução, como agentes de transformação, em todas as suas esferas de influência.

Em geral, há uma tendência dos cursos de ciências contábeis em direcionar um ensino muito pautado somente no aspecto lucro, com uma abordagem mais técnica e pouco focada em *soft skills* como liderança, inovação, empreendedorismo, sustentabilidade e relacionamento interpessoal - o que demanda uma visão mais ampla e robusta sobre princípios e geração de valores das organizações. Dessa forma, faz-se necessária a reflexão sobre o perfil do egresso (contador) que está sendo demandado e, a partir dele, repensar o seu processo formativo, trazendo novas perspectivas, metodologias e formatos para o desenvolvimento de competências e habilidades que o tornarão apto a não somente exercer a sua profissão, mas também a ocupar espaços estratégicos em organizações inovadoras e sustentáveis.

Por se tratar de um tema recente e pouco explorado dentro das empresas Certificadas B, proporciona uma infinidade de possibilidades de temáticas a serem pesquisadas no futuro. Sugere-se como um possível desdobramento desse estudo, a atuação de outros profissionais dentro de empresas Certificadas B, nas demais regiões do Brasil. Outra sugestão para trabalhos futuros é abordar a disparidade entre as organizações que possuem área contábil interna e aquelas que terceirizam suas demandas contábeis, sob a perspectiva do processo.

Por fim, é necessário enfrentar os grandes e complexos problemas que o planeta sofre com o uso dos sistemas atuais. Um movimento que propõe aliar lucro e propósito pode ser uma solução. Demandam-se mudanças para salvar e preservar o planeta Terra. Para reflexão, deixa-se a famosa frase de Stephen Hawking “[...] A poluição, a ganância e a estupidez são as maiores ameaças ao planeta”.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Muito além da economia verde**. São Paulo: Abril, 2012.
- ALMEIDA, Fernando. **Experiências empresariais em sustentabilidade avanços, dificuldades e motivações de gestores e empresas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- ASHLEY, Patrícia A. Ética, valores e cultura: especificidades do conceito de responsabilidade social corporativa. In: ASHLEY, Patrícia A. (Coord.). **Ética e Responsabilidade Social**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 3-13.
- ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Norma Brasileira NBR - ISO 26000** - Diretrizes sobre responsabilidade social. Rio de Janeiro: ABNT, 2010.
- ATTIE, William. **Auditoria: Conceitos e aplicações**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- BALZAROVA, Michaela A.; CASTKA, Pavel. Stakeholders' influence and contribution to social standards development: the case of multiple stakeholder approach to ISO 26000 development. **Journal of Business Ethics**, [S.l.], v. 111, n. 2, p. 265-279, 2012.
- B-ANALYTICS. **Global Impact Investing Rating System**. Disponível em: <http://banalytics.net/giirs-funds>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- B CORPORATION. **B-Lab**. Disponível em: www.bcorporation.net. Acesso em: 16 fev. 2021
- BARBIERI, José Carlos; CAJAZEIRA, Jorge Emanuel Reis. **Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável: da teoria à prática**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Almedina Brasil, 2011.
- BREDA, Zulmir Ivânio. **Uma reflexão sobre os impactos da tecnologia na Contabilidade**. 2019. Disponível em: <https://cfc.org.br/destaque/uma-reflexao-sobre-os-impactos-da-tecnologia-na-contabilidade/>. Acesso em: 02 jun. 2021.
- CAETANO, Rodrigo. Brasil aumenta presença em lista de empresas responsáveis. **Exame**, São Paulo, 8 jun. 2020. Disponível em: <https://exame.com/negocios/brasil-aumenta-presenca-em-lista-de-empresas-responsaveis/>. Acesso em: 11 fev. 2021.
- CARROLL, Archie. B. Corporate Social Responsibility: Evolution of a Definitional Construct. **Business & Society**, [S.l.], v. 38, n. 3, p. 268–295, 1999. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/000765039903800303>. Acesso em: 03 abr. 2021.
- CFC – CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. Norma Brasileira de Contabilidade, CTG 09, de 26 de novembro de 2020. Aprova o CTG 09, que trata sobre a Correlação à

Estrutura Conceitual Básica do Relato Integrado. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF. Seção 1, p. 526. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/norma-brasileira-de-contabilidade-ctg-09-de-26-de-novembro-de-2020-296458638>. Acesso em: 12 abr. 2021.

COMINI, Graziella Maria; FIDELHOLC, Michelle; RODRIGUES, Juliana. Empresas B: Princípios e desafios do Movimento B Corp. *In*: SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO, 17., 2014, São Paulo. **Canais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2014. Disponível em: <https://academiab.org/wp-content/uploads/2015/06/2014-SemeAd-BCorp.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2021.

CPC - COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS. PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS EMITIDOS. **Pronunciamento Técnico CPC 04 (R1) – Ativo Intangível**. 2010. Disponível em: http://static.cpc.aatb.com.br/Documentos/187_CPC_04_R1_rev%2014.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. **Pesquisa de métodos mistos**. Porto Alegre: Penso, 2013.

ELKINGTON, John. **Sustentabilidade – Canibais com garfo e faca: O livro do conceito Triple Bottom Line**. São Paulo: M Books, 2001.

FISCHER, Rosa Maria; COMINI, Graziella. Sustainable development: from responsibility to entrepreneurship. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 47, n. 3, p. 363–369, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rausp/v47n3/02.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2021.

FORTES, José Carlos. **Manual do Contabilista**. São Paulo: Saraiva, 2005.

FULLERTON, John. **Capitalism regenerativo**. 2015. Disponível em: <http://capitalinstitute.org/wp-content/uploads/2015/04/2015-Regenerative-Capitalism-4-20-15-final.pdf>. Acesso em: jun. 2021.

GERONYMO, Matheus Perez; FERREIRA, Gleriani Torres Carbone. Sistema B e ISO 26000: percepção dos jovens sobre certificações socioambientais. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO EMPRESARIAL E MEIO AMBIENTE, 20., 2018, São Paulo. **Anais Engema 2018**. São Paulo: FEA, 2018. Disponível em: <http://engemausp.submissao.com.br/20/anais/arquivos/331.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como classificar as pesquisas?** 2012. Disponível em: http://www.ngd.ufsc.br/files/2012/04/ric_CLASSIFICAPESQUISAGIL.doc. Acesso em: 15 ago. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2009.

HAMZA, Kavita Miadaira; DALMARCO, Denise de Abreu Sofiatti. As certificações sustentáveis e sua relevância para o consumo consciente e os negócios. **REUNIR: Revista de Administração Contabilidade e Sustentabilidade**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1-20, 2012. Disponível

em: <https://reunir.revistas.ufcg.edu.br/index.php/uacc/article/view/67>. Acesso em: 17 abr. 2021.

IIRC - INTERNATIONAL INTEGRATED REPORTING COUNCIL. Disponível em: <http://www.theiirc.org>. Acesso em: 08 abr. 2021.

KASSAI, José Roberto. **Contabilidade ambiental relato integrado e sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Atlas, 2019.

KASSAI, José Roberto; CARVALHO, L. N. Relato Integrado: a próxima revolução contábil. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO EMPRESARIAL E MEIO AMBIENTE*, 15., 2013, São Paulo. **Anais Engema 2013**. São Paulo: FEA, 2013. Disponível em: https://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/793530/mod_resource/content/1/Relato%20Integrado%20Kassai.pdf. Acesso em: 18 dez. 2017.

KRAEMER, Maria Elisabeth Pereira. Contabilidade Ambiental como sistema de informações. **Revista Brasileira de Contabilidade**, [S.l], n. 1133, p. 68-83, ago. 2011. Disponível em: <http://rbc.cfc.org.br/index.php/rbc/article/view/401/186>. Acesso em: 05 mar. 2021.

KROETZ, Cesar Eduardo Stevens. **Balanco social: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

LEAL, Edvalda Araújo; SOARES, Mara Alves; SOUSA, Edileusa Godói de. Perspectivas dos formandos do Curso de Ciências Contábeis e as Exigências do Mercado de Trabalho. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, Florianópolis, v.1, n. 10, p. 147-159, jul./dez., 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/contabilidade/article/view/2175-8069.2008v5n10p147/11126>. Acesso em : 05 abr. 2021.

LEV, B.; GU, F. **The end of accounting and the path forward for investors and managers**. New Jersey: Wiley Finance Series; John Wiley & Sons Inc. Hoboken, 2016.

MACHADO FILHO, Claudio Pinheiro. **Responsabilidade social e governança: o debate e as implicações**. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Orgs.) Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010. s.p.

MORIN, Edgar. **La Méthode 6: L'éthique**. Paris: Seuil, 2004.

PAVÃO, Yeda Maria Pereira; ROSSETTO, Carlos Ricardo. Os Stakeholders no Processo de Formação da Estratégia de Empresas Cooperativadas. *In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM ESTRATÉGIA*, 7., 2013, Bento Gonçalves. **Anais eletrônicos do VI Encontro de Estudos em Estratégia**. Maringá: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/3Es383.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2021.

PIRES, Charline Barbosa; OTT, Ernani; DAMACENA, Claudio. “Guarda-Livros” ou “Parceiro de Negócios”? Uma análise do perfil profissional requerido pelo mercado de trabalho para contadores na região metropolitana de Porto Alegre (RMPA). **Revista Contabilidade Vista & Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p.157-187, jul./set., 2009.

RODRIGUES, Juliana. **O movimento B Corp**: significados, potencialidades e desafios. 219 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-19122016-152403/publico/CorrigidaJulianaRodrigues.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2021.

RODRIGUES, Chrystian Marcelo. **Análise de crédito e risco**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

SANT’ANNA, Antonio Genilton. Gestão para a sustentabilidade. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**: Publicações Acadêmicas, Diamantina, v. 2, n. 3, p. 1–17, mai. 2013. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Gest%C3%A3o-para-a-sustentabilidade.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2021.

SISTEMA B. **Sistema B**. Disponível em: www.sistemab.org. Acesso em: 08 fev. 2021.

SILVA, Renata Bernardeli Costa da. **Educação continuada para a formação do profissional da contabilidade**: Fatores determinantes e tendências. 2016. 96 p. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/976>. Acesso em: 17 jun. 2021.

SILVA, Eduardo Augusto; FREIRE, Otávio Bandeira de Lamônica; OLIVEIRA E SILVA, Filipe Quevedo Pires de. Indicadores de Sustentabilidade como Instrumentos de Gestão: Uma Análise da GRI, Ethos E ISE. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 130-148, 2014. Disponível em: <http://www.revistageas.org.br/ojs/index.php/geas/article/view/130>. Acesso em: 08 abr. 2021.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Ed. Penso, 2011.

SWIATKIEWICZ, Olgierd. Competências transversais, técnicas ou morais: um estudo exploratório sobre as competências dos trabalhadores que as organizações em Portugal mais valorizam. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 12, n. 3, p. 663-687, 2014.

UNITED NATIONS. **Our Common Future**. Report of the world commission on Environment and development. 1987. Disponível em: <http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.

UNCTAD. **United Nations Conference on Trade and Development**. Creative Economy: A Feasible Development Option. Geneva: UNCTAD, 2010. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/ditctab20103_en.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

VIDIGAL, Inara de Pinho Nascimento. A Certificação Ambiental Como Instrumento Para a Competitividade Econômica e o Desenvolvimento Sustentável. *In*: ENCONTRO

NACIONAL DO CONSELHO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO – CONPEDI, 21., 2012, Uberlândia. **Canais eletrônicos...** Uberlândia: UFU, 2012. p. 5039–5067. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/42001/a-certificacao-ambiental-como-instrumento-para-a-competitividade-economica-e-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 23 mar. 2021.

WILBURN, Kathleen; WILBURN, Ralph. The double bottom line: Pro fit and social benefit. **Business Horizons**, [S.l], n. 57, v. 1, p. 11–20, jan./fev. 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0007681313001729>. Acesso em: 12 abr. 2021.

ZAVATIERI, Ieda Maria. **Relato Integrado**: um estudo de estruturas de divulgação do capital humano em relatórios bancários. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, São Paulo, 2016. Disponível em: http://tede.fecap.br:8080/jspui/bitstream/jspui/704/5/Ieda_Maria_Zavatieri.pdf. Acesso em: 08 abr. 2021.